

“FUTEBOL TAMBÉM SE APRENDE NA ESCOLA!”

Aline Steckelberg Cardozo dos Santos

Hugo Cesar Bueno Nunes

SESI-SP

Resumo: Numa sociedade contemporânea, marcada pela globalização e pelo neoliberalismo, a educação brasileira foi chamada a responder a novos desafios, sobretudo, aqueles decorrentes da democratização do acesso e da ampliação do tempo de escolarização aos grupos sociais anteriormente excluídos da escola. Nesse contexto, o currículo cultural emerge como uma alternativa às propostas curriculares homogeneizantes, mostrando-se disposto a colaborar com a função social da escola que consiste em formar o cidadão para atuar criticamente na esfera pública, visando à construção de uma sociedade mais democrática e sensível às diferenças. Este trabalho foi desenvolvido durante o ano de 2013, no Centro Educacional SESI-SP, com as turmas de 5º anos do Ensino Fundamental I. Acreditamos ter sido uma experiência e uma vivência muito válida e enriquecedora a todos os estudantes participantes do processo.

Palavras-chave: educação física, futebol e futebol para cegos.

Apresentação

O trabalho foi desenvolvido durante o ano de 2013, no Centro Educacional SESI 434, na cidade de São Paulo-SP, com as turmas de 5º anos do Ensino Fundamental I. O tempo de duração do presente trabalho foi de aproximadamente três meses, em torno de 24 aulas. O tema escolhido para o projeto foi “Futebol também se aprende na escola!” e, inicialmente, constou dos seguintes objetivos:

- ampliar e aprofundar os conhecimentos acerca da comunicação gestual; neste caso instigar os alunos a “entrar de cabeça” no mundo “real, obscuro, desconhecido e diversificado” do futebol, conhecendo suas raízes, suas diferentes formas de jogar, suas interpretações e visões de jogos e os modos conhecidos ou não por eles de se praticar o futebol bem como as relações que envolvem esta prática esportiva (econômica, social, inclusiva, etc.);

- manifestar-se fazendo uso de diversas linguagens, explorando as sensações e emoções pessoais e as dos colegas no decorrer das experiências;

Desenvolvimento

Ao realizar o mapeamento, com as turmas, busquei identificar quais manifestações corporais estavam disponíveis aos alunos, bem como aquelas que se encontravam no entorno da escola e assim, algumas práticas de interesse foram relatadas pelos alunos como a prática de futebol de areia, pois na época estava acontecendo o Mundial de futebol de areia, futebol de salão e futebol americano. Além disso, identifiquei que os alunos antes do início das aulas e nos momentos de intervalos improvisavam materiais (tais como, latinhas e garrafas plásticas amassadas) para jogarem o futebol nos espaços de quadra, frente e laterais da escola. Essas observações me levaram a algumas reflexões como: Quais são as práticas do futebol reconhecidas pelos alunos? Qual é o futebol de dentro e o de fora dos muros escolares? Qual é o futebol que a mídia transmite? E como isto influencia as práticas dos alunos?

Além dessas reflexões, me recordei que os 5º anos desta unidade escolar tiveram poucos momentos de estudos e vivências relacionadas ao futebol e o que conheciam sobre esta manifestação estava restrito ao futebol transmitido pela mídia. A partir destas constatações, o tema escolhido para o projeto foi “Futebol também se aprende na escola!”.

O momento da apresentação do tema do projeto foi muito interessante, pois a maioria dos meninos se exaltou ao descobrirem que o tema de estudo para as próximas aulas seria futebol enquanto algumas meninas exclamaram um “aaahhhh”.

Neste momento, e em consonância com a Proposta curricular de Educação Física SESI-SP, selecionei algumas expectativas de aprendizagem para serem trabalhadas:

- Compreender e vivenciar as variações das formas de praticar determinado esporte por parte dos diversos grupos culturais como forma de expressão da identidade cultural dos participantes, reconhecendo-as no âmbito das aulas.
- Identificar, analisar e vivenciar os esportes em diferentes possibilidades de espaço, número de participantes, formação de equipes ou grupos de trabalho, construindo

coletivamente formas de adaptar a modalidade tematizada às demandas do grupo, respeitando o conceito de justiça curricular.

- Conhecer as características dos praticantes dos diferentes esportes vivenciados e dos preconceitos que permeiam as práticas.

Para a mobilização inicial, foram levantadas algumas indagações como: quem gostaria de ser jogador de futebol? Porquê? Qual seu time preferido, por que você gosta de futebol? Mulher pode jogar futebol? Quais regras vocês conhecem? Por que a profissão de jogador tem tanta visibilidade? Quais tipos/modos de jogar futebol você conhece? Também perguntei qual era o futebol que acontecia dentro da escola, se este era o mesmo daquele visto na televisão e de que forma acontecia o futebol nas ruas, parques e condomínios.

As respostas dos alunos foram interessantes e serviram pra confirmar o previsto: eles realmente só conhecem o futebol de campo e suas celebridades-jogadores nacionais e internacionais. Ao serem questionados sobre o porquê da profissão de jogador ser tão visada, as respostas foram unânimes: *porque ganha muito dinheiro, porque tem carro, porque tem a mulher que quiser, porque fica famoso*. Dessa forma, este já foi o momento de questioná-los se realmente um jogador profissional ganha tanto dinheiro assim e citei exemplos jogadores de times do interior de São Paulo e de outras regiões do Brasil que muitas vezes necessitam treinar e trabalhar em outro emprego ao mesmo tempo, não sendo uma profissão tão estável assim. Comentei também sobre os salários dos jogadores, que não são todos que têm a oportunidade de chegar a um grande clube e ganhar bem. Após questioná-los sobre se as mulheres poderiam jogar futebol, tive respostas unânimes em todas as salas: em voz alta diziam que *SIM*, que mulheres podem jogar e, inclusive, alguns meninos citavam a jogadora Marta como exemplo e que ela era a melhor jogadora do mundo e, segundo eles, melhor do que muitos homens.

Iniciamos o tema também com a leitura do texto sobre a vida do jogador Garrincha – texto presente no livro: “Muitos textos tantas palavras”. Após a leitura, pude constatar que nenhum aluno conhecia este jogador. Nesta aula, contei um pouco para eles que o Garrincha foi um ótimo jogador, participou de Copas do Mundo, ajudou a seleção brasileira e apresentava uma certa deficiência, ou seja suas pernas eram tortas, mas, no entanto, o texto apresentava apenas a foto do rosto do jogador. Dessa forma, me programei para no

dia da apresentação das fotos e vídeos, mostrar fotos do jogador Garrincha e vídeos de seus principais dribles.

Após o mapeamento do patrimônio cultural acumulado dos alunos, percebi que o mundo do futebol era muito restrito para eles e, dessa forma, busquei tematizar, compreender alguns tipos de futebol existentes na sociedade, bem como sua organização e espaços onde acontecem. Levei os mesmos até o Laboratório de Informática, onde tiveram contato com os diversos modos de se jogar futebol por meio de fotos e vídeos. Os alunos apresentaram muitos questionamentos e foi necessário voltarmos mais duas vezes ao laboratório para que eles acompanhassem todos os vídeos que eu pretendia apresentar.



Alunos no Laboratório de Informática, durante a análise de fotos e vídeos.

Cabe ressaltar que apresentei vídeos referentes ao futebol *freestyle*, futsal, futebol de areia, futebol de botão (mesa), futebol para cegos, futebol para amputados, futebol virtual (campeonato de vídeo-game de jogos de futebol) e dribles do jogador Garrincha. Em muitos desses vídeos os alunos ficaram atentos e encantados, mostrando que realmente era um universo desconhecido para eles. Foi o momento de questioná-los sobre todo o universo que envolve o futebol e mostrar que existem competições, campeonatos nacionais e campeonatos internacionais de todos estes outros estilos de futebol. Após a apresentação

dos vídeos os alunos lembraram que também existia o futebol soçaite, o futvôlei, o jogo do pebolim. Achei interessante a participação deles, pois, no momento de preparação das aulas, realmente não havia me lembrado de elencar estes tipos de futebol.

Partindo para a realização de outras atividades de ensino, iniciei com uma atividade recreativa denominada “campo sem bola” cujo objetivo do jogo era que o aluno não deixasse com que nenhuma bola permanecesse em seu campo de jogo, devendo retirá-las utilizando somente os pés, por meio de chutes, independentemente dos fundamentos ou habilidades motoras específicas do futebol. Após a realização do jogo, conversamos sobre as oportunidades de participação de cada um e quais tipos de habilidades foram requeridas. Os alunos ressaltaram que não precisava de força, que deveria ter muita atenção e estratégia. Algumas meninas falaram que se cansaram bastante. Em seguida, foi sugerido aos alunos que modificassem as regras de forma a dar mais chance a todos.

Em outra aula, os alunos foram divididos em pequenos grupos para realizarem diversas tarefas conjuntamente. Cada grupo ficou responsável por pesquisar um tema relacionado ao futebol. Dentre os elencados: vida de um jogador, vida de um técnico, principais campeonatos nacionais e internacionais, os tipos de futebol (o futebol das ruas e o futebol da escola, por exemplo). Após duas semanas de pesquisa, alguns alunos foram escolhidos para apresentarem seus trabalhos aos demais grupos como forma de socialização tendo em vista que cada grupo pesquisou sobre um único tema.

Pensando numa Educação Física na perspectiva cultural, valorizei também, no decorrer das aulas, a experimentação de diversos formatos de jogos de futebol conhecidos pelos estudantes e ofereci oportunidades para que eles pudessem modificar as regras e modos de jogar, bem como suas estratégias e locais de prática.

Com base nisso e, após reconhecerem (por meio de fotos, textos, vídeos e conversas) as diferentes formas de se jogar futebol (campo, society, areia, salão, botão, vídeo-game, dois contra dois, rebatida entre outros que surgirem durante as aulas), novas vivências foram propostas pela professora e, posteriormente, ressignificadas pelos alunos, a partir de suas experiências anteriores com o futebol. Houve a realização de variações de jogos do futebol, como o jogo do bobinho, o jogo 3 dentro 3 fora, o futebol em duplas, o golzinho, jogos pré-desportivos. Em certos momentos das aulas, alguns estudantes atuaram como árbitros e outros como torcedores.

Ainda como forma de ressignificação, realizamos jogos com regras oficiais sugeridas pelos alunos como jogo com as regras do futebol de salão e com as regras de futebol de areia. Realizei jogos com times somente femininos, somente masculinos e times mistos, onde meninas e meninos jogaram juntos, seguido de conversas, questionamentos e relatos acerca de preconceitos existentes no futebol, sobre a presença das mulheres no futebol e sobre o futebol para deficientes. Ao longo do diálogo, procurei mostrar que esses preconceitos foram discursivamente construídos, em meio às relações de poder, onde determinados grupos, num determinado momento histórico, fizeram valer a sua posição “preconceituosa”.



Vivência: futebol em duplas



Vivência: o jogo do “golzinho” (feito com cones)

Na aula seguinte, realizamos uma vivência caracterizando um treinamento de futebol, onde os alunos passaram por atividades do tipo circuito, com deslocamentos laterais, domínio e condução de bola, passe de bola em duplas, drible e chutes ao gol e, foi interessante observar os comentários dos meninos que treinavam futebol fora do ambiente escolar: “esse exercício a gente faz no treino”, “esse meu professor já deu”. E assim pedi para eles me auxiliassem na correção e explicação dos movimentos. Foi interessante a participação deles que também me davam ideias de exercícios para serem desenvolvidos com a turma.



Atividades de ensino com vivências do fundamento condução de bola.

Em roda de conversa solicitei aos alunos um breve relato das experiências e os mesmos relataram que conheceram formas de jogar que não conheciam, formas de chutar a bola e regras que também desconheciam. Outros alunos ainda comentaram que foi melhor quando jogaram apenas meninos contra meninos e não times misturados.

Algumas meninas relataram que gostaram das aulas e que se treinassem mais, iriam melhorar no futebol. Em seguida, pedi para que eles relembassem dos vídeos e fotos com os estilos de futebol e um aluno me questionou, “mas professora, como nós vimos nas

fotos, como jogam as pessoas cegas se elas não enxergam a bola?” (nesse momento alguns alunos deram risada imaginando a cena). “Como elas fariam todos esses jogos que nós fizemos?” E outros ficaram pensando e também perguntaram: “eles precisam de um ajudante?” “E o futebol para os amputados podem usar as muletas para bater na bola? Eles não caem? É usada a mesma quadra que a nossa?”

Diante de todas essas indagações que surgiram, aproveitei para aprofundar os conhecimentos em torno de um dos tipos de futebol. O futebol escolhido para aprofundamento foi o futebol para cegos ou futebol de 5, devido a grande quantidade de dúvidas e questionamentos dos alunos.

No entanto antes de nos aprofundarmos no futebol de 5, procurei inserir o aluno no contexto dos deficientes visuais, por meio de utilização de vendas e realização de um circuito de habilidades motoras que exigia dos alunos o deslocamento simples, o desvio de objetos, saltos, equilíbrios, e principalmente a acuidade auditiva a fim de ouvir os comandos de um colega de turma que estaria sem a venda. Os alunos foram orientados quanto à questão da segurança e da claridade visual, que para a visão não ser prejudicada, ao retirarem as vendas, eles deveriam ficar por alguns segundos com os olhos fechados.



Vivências de circuitos de habilidades motoras com olhos vendados.

Após a realização do circuito, realizamos uma roda de conversa sobre o que os alunos sentiram e como foi a vivência da aula. Foi interessante ouvi-los contar que nunca tinham tido uma experiência como essa e que “eu não sabia onde eu estava na quadra”, “não tinha ideia do tamanho dos cones”, “tive medo”, “bati minha perna no banco porque meu amigo não me conduziu direito”, por fim relataram que realizar os movimentos com os olhos vendados foi muito difícil e que eles ficavam preocupados com os “cegos de verdade”. Argumentei que os cegos apresentam uma acuidade auditiva maior que os não-cegos e que por isso eles escutam muito bem as pessoas que estão ao redor deles e também todos os barulhos e ruídos e, também, que eles apresentam uma melhor organização espacial.

Neste caso, para melhor aprofundar algumas questões, pedi para que os alunos pesquisassem para a próxima aula, alguma informação ou curiosidade sobre o futebol de cegos. Como sabia que talvez, por diversas dificuldades, eles não trouxessem a pesquisa, eu mesma fui atrás das regras e vídeos referentes ao futebol para cegos para apresentar aos alunos. Para minha surpresa, um aluno trouxe um texto bem grande com as regras e características do futebol de cegos e foi então que comecei a aula com a socialização do texto deste aluno. Estávamos na quadra e pedi para o menino contar o que tinha entendido e depois lemos o texto por completo, discutimos pontos como bola com guizo, a presença do chamador, a visão do goleiro, a ausência de linhas laterais, entre outros pontos.

Os alunos estavam ansiosos para realizarem um jogo com as regras oficiais do futebol de cegos, mas, para isso, expliquei para eles que estava buscando uma bola oficial e com guizo, pois a escola até esse momento não possuía. Dessa forma, durante duas aulas eles realizaram jogos de futebol de salão.

Consegui uma bola com guizo e levei para a escola, realizamos um momento de reconhecimento da bola com guizo e, posteriormente, vivenciamos a cobrança de pênaltis com os olhos vendados utilizando a bola com guizo. Em seguida inserimos o chamador atrás do gol. Foi um momento engraçado, pois os alunos se sentiam acanhados de ficar chamando e em voz alta o nome dos amigos e eu afirmava que quem estivesse no papel do chamador, teria que falar bem alto e praticamente gritar, pois seriam os olhos do amigo. Antes de realizar o jogo propriamente dito, conversei com os alunos sobre a questão da segurança, que eles jogariam em duplas, sendo um aluno vendado e outro não e que este

aluno sem venda seria responsável pela segurança do amigo, passando essa responsabilidade também para eles.

Para ampliação do tema, realizei uma entrevista com um aluno cego do ensino médio da escola. Apresentei o aluno cego, muitos desconheciam até mesmo a presença dele na escola, e comentei que os alunos poderiam fazer as perguntas pertinentes à sua deficiência, às atividades do dia-a-dia e às atividades esportivas.

Os alunos se envolveram muito com a entrevista e quase todos queriam perguntar. Iniciaram com questões sobre como e quando adquiriu a deficiência ou se tinha nascido cego; como ele se locomovia fora da escola; como ele faz pra ler, jogar vídeo game, usar celular; questões da vida pessoal sobre como ele se veste (como sabe as cores das roupas), como consegue pegar os alimentos num restaurante, etc. Enfim, foram perguntas simples, mas muito interessantes. Conforme os alunos ouviam as respostas, ficavam mais curiosos, sendo que no final tivemos que encerrar a entrevista dado o horário de término da aula.



Momento da entrevista com o aluno cego.

Como forma de registro e avaliação, os alunos apresentaram seus trabalhos, já citados anteriormente – quando pesquisaram sobre temas específicos do futebol – e, no fim do estudo desta manifestação, elaboraram um artigo de opinião, após ouvirem a música do cantor Gabriel o Pensador, denominada “Brazuca”, em que afirma que futebol não se aprende na escola e por isso que o Brasil é bom de bola. Após ouvirmos a música, discutimos sobre ela e sobre alguns problemas sociais graves do país que muitas vezes são mascarados pelos espetáculos do futebol e, posteriormente os alunos partiram para a escrita.

Acredito ter sido uma experiência e uma vivência muito válida e enriquecedora a todos os participantes no processo. Com relação à percepção e fala dos alunos, acredito que algumas desconstruções das representações preconceituosas foram feitas com relação ao futebol e aos deficientes e assim, eles puderam estudar e vivenciar as diferentes formas de praticar o futebol por parte dos diversos grupos culturais, sempre buscando o respeito e a afirmação das diferenças culturais.

Registros e avaliações realizadas



Avaliação

CENTRO EDUCACIONAL SESI N°	
São Paulo, _____ de _____ de _____.	
Aluno: _____	n°: ____ Série: ____
Professor (a): Aline S. C. Santos	
Componente Curricular: LCAC– Educação Física = Avaliação Dissertativa – OUTUBRO - 2013	

1 – Diante do tema que estudamos nos últimos meses sobre a manifestação esportiva FUTEBOL, em que realizamos diversas leituras, análises e vivências que nos possibilitaram uma maior compreensão sobre este assunto, escreva um artigo de opinião sobre o tema:
Futebol também se aprende na escola?

Referências Bibliográficas

SESI-SP. **Proposta Curricular de Educação Física: ensino fundamental ao ensino médio**. São Paulo: SESI-SP Editora, 2013.

SESI-SP. **Muitos Textos --- Tantas Palavras: livro de textos**. São Paulo: SESI, 2010.

NEIRA M. G. Educação Física. In: CANO, M.R.O. (Org.) **A reflexão e a prática no ensino**. São Paulo: Blucher, 2011.